

Versão portuguesa do *Boundary Questionnaire - Short* de David Rawlings (BQ-SH)

Rui Paixão*

Ana Lúcia Duarte**

Resumo: Este estudo tem como objectivo a adaptação para a população portuguesa do *Boundary Questionnaire – Short* de David Rawlings (2002). O construto original de Hartmann (1991), sobre os limites do *self* e que serviu de base ao questionário em estudo, é analisado considerando a originalidade do modelo e dos conceitos e as suas implicações no domínio do desenvolvimento, educação e psicopatologia. As implicações práticas do questionário são também estudadas.

Os resultados psicométricos da versão portuguesa do Questionário dos Limites (versão reduzida), são semelhantes aos obtidos por Rawlings (2002), apresentando uma estrutura composta por seis factores (preferência por organização e perfeccionismo, experiências pouco usuais, infantilidade, opiniões acerca de pessoas e ambientes, confiança e sensibilidade), capazes de explicar 47.8% da variância total. A consistência interna da escala apresenta um *alpha* de .71 e *alphas* para os factores entre .58 e .81.

O questionário demonstrou ter boa validade de construto, preditiva e concorrente.

Palavras-chave: limites, questionário de limites, personalidade e limites.

Portuguese version of David Rawlings' Boundary Questionnaire - Short (BQ-Sh)

Abstract: The present study reports the Portuguese adaptation of Rawlings' (2002) Boundary Questionnaire (Short version). The original construct of self boundary of the first Boundary Questionnaire (Hartmann, 1991), are also analysed considering it's implications in development, education and psychopathology domains. Practical implications about the usage of the questionnaire are also referred.

Psychometric data with the Portuguese version, and Rawlings' (2002) original data, are similar. The factor analysis, with principal components, found a six factor structure explaining 47.8% of the total variance: organization and perfectionism preference, unusual experiences, childishness, opinions about others and environments, confidence and sensitivity. The full-scale reliability presents an alpha of .71, and alpha factors varied from .58 to .81.

The questionnaire showed good construct, predictive and concurrent validities.

Key-words: boundaries, boundary questionnaire, boundary and personality

* Rui Paixão é Psicólogo Clínico e Professor Associado da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. E-mail: rpaixao@fpce.uc.pt

** Psicóloga Clínica. E-mail: aluciaduarte@gmail.com

1. O conceito de limites

Segundo Hartmann (1991, 1997; Hartmann, Harrison, & Zborowski, 2001), o conceito de limite expressa não apenas a separação entre espaços físicos bem definidos, como também espaços subjectivos vividos pelo sujeito, na relação consigo próprio e com o mundo que o envolve. O próprio conceito de tempo parece estar sujeito a este tipo de limites: falamos de infância, de adolescência, de passado, de presente e futuro, de períodos de sono e vigília, de trabalho e lazer. Muitas vezes estes limites são claros e bem definidos, rígidos até, mas outras vezes são claramente subjectivos e difíceis de situar, indiferenciados.

Independentemente de conceptualizarmos os conteúdos da mente em pensamentos, fantasias, sentimentos, ou pela segunda tópica freudiana (Freud, 1923/1978), em *id, ego e superego*, ou ainda de acordo com o modelo de processamento de informação em processos semânticos, memórias, etc.... seja qual for o modelo adoptado, falamos sempre de partes, religiões, funções ou processos separados, mas, no entanto, interligados (Hartmann, 1997). Os limites entre estes conteúdos não são verdadeiros espaços independentes e bem delimitados, podendo ser mais ou menos “diferenciados” ou mais ou menos “permeáveis”, num contínuo entre os extremos mais “diferenciados” e mais “indiferenciados”. A maioria dos indivíduos situar-se-á algures neste contínuo, com características de ambos os tipos. Segundo Hartmann (1991), o conceito de limites não é apenas descriptivo, uma vez que o autor considera que a “diferenciação” dos limites de cada indivíduo, a sua solidez ou tenuidade, constitui uma dimensão de personalidade negligenciada pela teoria e pela investigação em Psicologia,

mas capaz de ajudar a compreender aspectos não acessíveis através de outras medidas. A caracterização de ambos os extremos, mais “indiferenciados” ou mais “diferenciados”, ajuda a compreender a dimensão explicativa do conceito.

O indivíduo com limites muito “diferenciados” é capaz de se focalizar facilmente num determinado aspecto ou tarefa, e manter afastados todos os outros aspectos; diferencia claramente pensamentos e sentimentos, realidade e fantasia, realidade e sonho. Não recorda facilmente os sonhos e não se mostra muito interessado nestes; não sonha acordado e fantasia muito pouco. Tem a memória muito bem organizada, mas tem poucas recordações de infância. Tem um claro sentido de si próprio, de identidade de género e de grupo e tem preferência por estruturas sociais hierárquicas bem definidas (Hartmann, 1991, 1997).

Limites “diferenciados”, em indivíduos saudáveis, podem estar relacionados com a força do Ego e com um claro sentido de identidade e autonomia. Nos casos menos saudáveis, pode estar associado a falta de empatia e rigidez (Harrison, Hartmann, & Bevis, 2006). O indivíduo com limites muito “indiferenciados” será o oposto: deixa entrar muita informação em simultâneo e poderá ter dificuldade em focalizar-se numa coisa de cada vez. Funde pensamentos e sentimentos, sonha, sonha acordado, perde-se em fantasias e tem dificuldade em distingui-las da realidade. É menos defendido e tem uma noção pouco rígida de identidade e papéis, tendendo a fundir-se ou perder-se nos relacionamentos (Hartmann, 1997). No extremo saudável do contínuo, limites mais “indiferenciados” parecem ser necessários para que exista empatia, sensibilidade interpessoal, mudança e criatividade. No entanto, limites muito “indiferenciados”

parecem estar subjacentes a mecanismos de defesa primitivos, como a introjecção ou a projecção. Este tipo de limites está, também, associado a relações simbióticas e excessiva vulnerabilidade (Harrison et al., 2006).

Nos estudos sobre sonhos e pesadelos, Hartmann notou um padrão distinto de características de personalidade nos indivíduos que sofriam de pesadelos (Hartmann, 1991, 1997; Rawlings, 2002). Tendo comparado sujeitos que sofriam de pesadelos e sujeitos equiparados em termos sócio-demográficos, mas que não sofriam deste problema, verificou que as diferenças entre estes dois grupos não se limitavam apenas a aspectos psicopatológicos, já que apenas um terço dos sujeitos do primeiro grupo preenchia os critérios necessários para um diagnóstico de acordo com o DSM-III, onde se destacavam as perturbações de personalidade, sobretudo esquizotípica, esquizóide e estado-limite (Hartmann, 1991). No entanto, as características mais importantes do primeiro grupo centravam-se nas actividades profissionais que realizavam (sobretudo na área das artes, particularmente da música) e na descrição que faziam de si próprios, como criativos e artísticos, destacando esta característica como a mais significativa da sua personalidade desde a infância. Descreviam-se, também, como sensíveis (Hartmann, 1991, 1997).

Das entrevistas individuais realizadas emergiram outras características, como o facto de serem muito pouco defendidos e confiarem facilmente nos outros. Estas características eram marcadas pelo fraco uso de mecanismos defensivos, de qualquer tipo, mas com uma incidência particular nos mecanismos repressivos, mesmo quando os conteúdos conscientes eram profundamente ameaçadores. De um modo geral, tudo parecia fluir conjuntamente no

seu psiquismo, sem barreiras ou separações entre eles próprios e o mundo. A conclusão geral do estudo foi que os indivíduos que sofriam de pesadelos tinham limites “indiferenciados”, em todos os sentidos, inclusivamente os de base biológica, como a fraca diferenciação entre os estados de sono e vigília (Hartmann, 1991).

O conceito de limites em redor do ego é também muito discutido por Freud (1923/1978) sempre que fala da necessidade do *ego* se defender ou proteger do *id* e da realidade exterior. Em “*Além do Princípio do Prazer*” (1920/1978) advoga que, para os organismos vivos, a protecção contra os estímulos é quase mais importante do que a recepção dos mesmos. Em “*Inibição, Sintomas e Ansiedade*” (1925/1978), afirma que o escudo protector existe apenas no que respeita a estímulos externos e não a exigências internas.

Paul Federn (cit. in Carvalho, 2003) utiliza o termo *ego boundary* ou *fronteiras do eu*, para descrever a redução do investimento narcísico e o consequente desinvestimento das fronteiras do eu, ou mesmo a perda destas, típicas das psicoses. Didier Anzieu (1997) utiliza um conceito similar, o conceito de *moi-peau*, ou eu-pele, sugerindo que o eu, à imagem do corpo, tende a desenvolver uma “pele” que funciona como envelope do psiquismo, reforçando assim a ideia de limite, fronteira e conteúdo dos processos mentais. Finalmente, os *tipos psicológicos* de Jung (1921) parecem estar relacionados com o conceito de limites, embora não tanto no que respeita aos mais conhecidos (introvertido e extrovertido), mas, sobretudo, às quatro funções: pensamento, sentimento, sensação e intuição e a forma preferencial como são combinadas (Hartmann, 1991).

2. Tipos de Limites

O conceito de limites indiferenciados ou diferenciados é muito abrangente e inclui traços e aspectos da personalidade que não se considerariam necessariamente relacionados. É sempre possível entre duas entidades do mundo ou da mente, conceptualizá-las como completamente separadas e diferenciadas ou em comunicação e até confundidas uma com a outra, ou seja, com limites mais indiferenciados ou mais diferenciados.

Os tipos de limites dizem respeito não só a conceitos derivados da psicologia clássica e da psicanálise, mas também do senso comum e da experiência empírica. Encontram-se agrupados em dezasseis grandes categorias: limites perceptivos, limites relacionados com pensamentos ou sentimentos, limites relacionados com estados de consciência, limites de sono-sono-vigília, limites relacionados com o brincar, limites relacionados com a memória, limites diferenciando o próprio (limites corporais), limites interpessoais, limites entre consciente e inconsciente e entre *id*, *ego* e *superego*, mecanismos de defesa como limites, limites relacionados com a identidade, limites de grupo, limites na organização da vida, limites relacionados com as preferências ambientais, limites nas opiniões e julgamentos e limites na tomada de decisão e ação.

Esta formulação do conceito de limites reveste-se de significado prático, nomeadamente nos domínios da prevenção e da educação (Hartmann, 1991). Desempenha um papel importante nos relacionamentos, tornando-se um instrumento útil na psicoterapia individual, de casal e familiar. Os dados fornecidos pelo Questionário de Limites poderão ser de grande utilidade neste domínio (Hartmann, 1991). A estrutura de limites dos sujeitos pode

ter influência na doença física, na forma como esta é vivida e expressa pelo sujeito. O mesmo se aplica à avaliação dos efeitos dos fármacos. A reacção às substâncias químicas, a sensibilidade e os efeitos colaterais estão relacionados com a estrutura individual de limites. Um outro domínio em que o conhecimento do tipo de limites se reveste de utilidade prática é a escolha vocacional ou de carreira. Alguns empregos (contabilista, advogado, engenheiro, militar, ...) requerem organização, implicando limites bem diferenciados. Nos estudos de Hartmann (1991, 1997), um dos grupos que mais pontua na “diferenciação” foi o dos Oficiais da Marinha. Segundo o autor, faz sentido que a carreira militar apele e seja confortável para indivíduos não só muito organizados, mas também com uma forte noção de organização hierárquica e de pertença a um determinado grupo. Os vendedores, advogados e empresários também pontuam neste sentido. Já os indivíduos com limites mais indiferenciados tendem a procurar ocupações que não exigem horários e organização severa. No questionário pontuam neste sentido pintores, músicos e escritores, assim como alguns professores e terapeutas. Em todas estas áreas é importante a sensibilidade e a abertura à vida interior não só do próprio, mas também dos outros (*ibidem*).

Uma questão prática que se coloca aos terapeutas respeita aos limites no processo terapêutico. É possível definir a psicoterapia com um espaço com limites bem definidos ao seu redor (Hartmann, 1997; Hartmann et al., 2001). Estes limites referem-se, sobretudo, à aliança terapêutica e à conduta ética e profissional do terapeuta.

Os tipos de limites parecem ter alguma relação com determinados tipos de psicopatologia, nomeadamente ao nível das

perturbações da personalidade (Hartmann, 1997). De acordo com este autor, os limites indiferenciados aparecem associados às perturbações de personalidade estadio-límite e esquizotípica, enquanto os limites diferenciados apresentam relação apenas com a perturbação obsessivo-compulsiva da personalidade. No entanto, estas relações parecem ser apenas tendenciais e relativas a vulnerabilidades particulares. Num estudo sobre vulnerabilidade à esquizofrenia, por exemplo, verifica-se que “limites permeáveis” na infância se pode constituir como um dos indicadores da esquizofrenia em adultos (Hartmann et al., 1984).

Outros autores têm procurado uma relação entre limites e psicopatologia. Vários estudos tentaram relacionar, por exemplo, a psicose e os fenómenos alucinatórios com experiências traumáticas de violação ou incesto na infância, associando esta invasão e perda de limites físicos com uma perda de limites do ego, visível nestas perturbações. A este respeito Read, Agar, Argyle e Aderhold (2003) verificaram que as alucinações são significativamente mais frequentes em indivíduos que experienciaram abuso físico ou sexual na infância e Ellenson (1986) constatou que as vítimas de incesto experenciam frequentemente erros perceptivos e alucinações. Segundo Chopra (2006), tanto na psicose como nos casos de abuso sexual o indivíduo não tem a noção de um limite entre o eu e o não-eu, entre self e objecto.

3. O Boundary Questionnaire (BQ) de Ernest Hartmann

O *Boundary Questionnaire (BQ)* foi criado por Hartmann (1991) para medir os tipos de limites, permitindo classificá-los quantitativamente como mais

indiferenciados ou mais diferenciados. Consiste num questionário de 145 itens, envolvendo 12 categorias diferentes: sono, sonho e vigília; experiências pouco usuais; pensamentos, sentimentos e disposições; impressões acerca da própria infância, adolescência e adultez; distância interpessoal, abertura e fechamento; sensibilidade; preferência por arrumação e precisão; preferência por vestuário, linhas e extremidades claras; opiniões acerca de diferenças entre crianças e adultos; opiniões acerca de linhas organizacionais e de autoridade; opiniões acerca de limites entre grupos, pessoas e nações; opiniões acerca de beleza, verdade e outros conceitos abstractos (Harrison et al., 2006). Cada sujeito recebe uma pontuação para cada uma das doze categorias, uma pontuação total para as primeiras oito categorias (denominado *Total Pessoal*), uma pontuação total para as últimas quatro categorias (denominado *Total Mundial*) e uma pontuação total geral, denominada *Somatório de Limites (SumBound)*. Cada item é respondido numa escala tipo *Likert* de 5 pontos. Oitenta e sete itens estão formulados de tal modo que o valor mais elevado (4) corresponde a uma característica dos limites indiferenciados e o mais reduzido (0) a uma característica dos limites diferenciados. Os restantes cinquenta e oito estão formulados na negativa. A pontuação destes itens é por isso invertida antes de se proceder ao cálculo do valor total que indica a diferenciação dos limites. Apesar de todos os 145 itens serem respondidos, apenas são tidos em conta na obtenção da pontuação total 138, uma vez que os restantes 7 não mostraram correlacionar-se positivamente com este valor (Hartmann, 1991).

Reconhecendo a necessidade de criar uma versão mais reduzida do *Boundary Questionnaire*, Rawlings (2002) procedeu

a esse objectivo através de uma análise factorial pelo método da máxima verosimilhança. Esta análise resultou na extração de seis factores: experiências pouco usuais; necessidade de ordem; infantilidade; competência percebida; confiança; sensibilidade.

A versão reduzida (*BQ-Sh*) inclui 46 itens respondidos numa escala de 5 pontos. A subescala *confiança* não é incluída na pontuação total e as subescalas *competência percebida* e *necessidade de ordem* são invertidas antes de se proceder ao cálculo final, assim como 4 outros itens. Uma pontuação elevada indica limites indiferenciados e uma pontuação mais reduzida indica limites mais diferenciados. Os indicadores psicométricos obtidos por Rawlings (2002) evidenciam uma consistência interna (*Alpha de Cronbach*) das subescalas do *BQ-Sh* entre .65 e .74. A consistência da escala total foi de .74, correlacionando-se fortemente com o *BQ* original ($r = .88$).

O *BQ* foi correlacionado com outras medidas, nomeadamente o MMPI, o Rorschach e o inventário de personalidade NEO-PI-R. O MMPI foi aplicado conjuntamente com o *BQ* a trezentos sujeitos (Hartmann, 1991), revelando correlações significativas entre algumas escalas clínicas e a pontuação total do *BQ*. Não foi, contudo, encontrada nenhuma relação com as escalas relacionadas com o neuroticismo (hipocondria, depressão e histeria) e com a introversão social. As escalas onde se verificaram relações significativas formam um padrão interessante: ter limites indiferenciados no *BQ* correlaciona-se com valores elevados nas escalas de paranoia, masculinidade-feminilidade nos homens, infreqüência (F) e hipomania. Correlaciona-se negativamente com as escalas de mentira (L) e de deseabilidade (K), nas quais os sujeitos com limites diferenciados tendem a pontuar mais elevado.

De qualquer modo, o *BQ* não mede o mesmo que o MMPI. O padrão de correlações observado, no entanto, sugere que algumas das escalas clínicas do MMPI medem aspectos que podem ser vistos como característicos de limites indiferenciados como sensibilidade e, nos homens, capacidade para reconhecer as partes femininas. As correlações com as escalas K e L mostram que os aspectos defensivos e a negação da imperfeição são característicos de sujeitos com limites diferenciados.

Em relação ao Rorschach, Blatt e Ritzler (1974) desenvolveram um sistema de cotação para limites do ego permeáveis ou deficit de limites, baseado no número de respostas que envolvem “contaminação”, “combinação fabulada” ou “confabulação”. Estas medidas aproximam-se do conceito de limites indiferenciados, mas com ênfase no aspecto psicopatológico. No mesmo sentido, Fisher e Cleveland (1968) desenvolveram duas medidas: barreira e penetração, que parecem estar relacionadas, pelo menos teoricamente, com o conceito de limites.

O NEO-PI Revisto baseia-se no modelo dos cinco grandes factores de personalidade: neuroticismo, extroversão, abertura, amabilidade e conscienciosidade. O construto *abertura à experiência* implica a receptividade a muitas variedades de experiência e uma estrutura de consciência fluida e permeável (McCrae, 1994). Esta descrição aproxima-se do conceito de limites indiferenciados. McCrae (1994) encontrou uma correlação de .66 entre a pontuação total do *BQ* e a *abertura à experiência*.

4. Objectivos

Considerando a inexistência, pelo que nos é dado saber, deste tipo de instrumentos

para a população portuguesa, o presente trabalho tem como objectivo a tradução e adaptação do *Boundary Questionnaire – Short* de David Rawlings (2002) para esta população. A adaptação inclui o estudo de algumas qualidades psicométricas da versão traduzida, nomeadamente a estabilidade factorial, consistência interna e o comportamento da escala em relação a algumas variáveis sócio-demográficas como a identidade de género, idade e identidade profissional. Num segundo nível interessa-nos avaliar a sensibilidade da escala na avaliação de fenómenos perceptivos do tipo ilusório/alucinatório.

De acordo com Hartmann (1991) e Harrison e colaboradores (2006), os objectivos antes enunciados são congruentes com as características específicas dos limites, nomeadamente no que diz respeito à identidade de género, onde é legítimo esperar pontuações mais elevadas no sexo feminino, o mesmo acontecendo nos grupos etários mais jovens, nos alunos de artes, letras e psicologia, por oposição aos de direito, economia, gestão e engenharia, e nos grupos que apresentam maior número de ilusões perceptivas e fenómenos do tipo alucinatório.

5. Procedimentos

Na tradução da versão portuguesa do BQ (Questionário de Limites – versão reduzida – QL-R) participaram três tradutores independentes. Numa primeira fase, dois destes tradutores criaram duas versões do referido questionário. Numa segunda fase, as duas versões antes referidas foram retrovertidas para Inglês pelo terceiro tradutor. A versão final resultou da discussão entre os três tradutores, culminando na produção de uma tradução consensual que foi ainda refinada após

aplicação do questionário a dez sujeitos. A escala de resposta, na versão portuguesa do QL-R, é uma escala de 5 pontos, em que o valor “1” corresponde a *discordo muito* e o valor “5” a *concordo muito*. Conjuntamente com o QL-R foram passados a *Launay-Slade Hallucination Scale* (LSHS), o *Inventory of Voices Interpretation* (IVI) e um questionário sócio-demográfico dirigido às variáveis idade, profissão, habilitações literárias, sexo, estado civil, naturalidade e um último item que questionava a existência de problemas pessoais e a experiência clínica do sujeito com profissionais ligados à saúde mental.

A versão portuguesa da *Launay-Slade Hallucination Scale* (Launay & Slade, 1981) consiste na Escala de Alucinações Revista (EAR) (Moreira, 2007), e tem como objectivo a avaliação da predisposição para as alucinações. O *Inventory of Voices Interpretation* (IVI) (Morrison, Wells, & Nothard, 2002; Moreira, 2007) destina-se a avaliar as interpretações atribuídas a fenómenos alucinatórios, quando experienciados.

6. Amostra

A amostra total é constituída por 247 sujeitos. Destes, 31.2% pertencem ao sexo masculino ($n = 77$) e 68.8% ao sexo feminino ($n = 170$). A idade média é de 22.8 (DP=5.37). Os dados foram recolhidos junto de estudantes do ensino superior e de toxicodependentes em tratamento em duas instituições da zona centro ($n_1 = 22$). Para além destes 22 sujeitos em tratamento foram, ainda, detectados 43 sujeitos (n_2) da amostra geral que se encontravam em psicoterapia ou que já tinham procurado apoio de um psicólogo ou psiquiatra por problemas pessoais. Os restantes 73.7% (n_3 ,

= 182) não identificaram qualquer situação desta natureza.

O número de sujeitos por curso é muito variável, tendo por isso sido constituídos grupos que englobam mais do que um curso: artes / letras (n=24); economia / gestão (n=41); enfermagem / medicina (n=31); direito (n=30); engenharia (n=36); psicologia (n=65) e nenhum (n=20).

7. Resultados e discussão

A Análise Factorial de Componentes Principais (AFCP), com rotação ortogonal e critério de Kaiser, sugere a existência de 13 factores. Assumindo o critério de Cattell, a AFCP evidencia a presença de quatro factores. No entanto, considerando que o critério de Kaiser pode não ser preciso quando existem mais de quarenta variáveis e que o de Cattell é reconhecidamente pouco exacto (Tabachnick & Fidell, 2001), recorreu-se à análise da matriz de correlações residuais, dos valores *M.S.A.* e das communalidades, de forma a analisar criteriosamente cada um dos itens. A análise destes valores permitiu um refinamento da escala, eliminando os itens com um valor *M.A.S.* < .5 e communalidades inferiores a .3 (Brace, Kemp, & Snelgar, 2003). A eliminação destes itens reduziu a escala a 40 itens. A AFCP desta versão reduzida evidenciou a existência de 6 factores capazes de explicar 47,8% da variância (Quadro 1).

A escala reduzida evidenciou um *K.-M.-O.* de .752, um teste de *Bartlett* estatisticamente significativo ($p=.000$), um determinante $R=3.10E-007$ e valores *M.S.A.* entre .551 e .886. Esta estrutura factorial é relativamente semelhante à obtida por Rawlings (2002). Comparando as duas soluções factoriais verifica-se que o factor “sensibilidade” se mantém

inalterado (itens 16 e 8). O factor “confiança” mantém-se também praticamente inalterado, com excepção do item 3 que satura mais fortemente no factor “opiniões sobre pessoas e ambientes”, sendo assim constituído pelos itens 27, 28, 33 e 29. O factor “experiências pouco usuais” mantém também uma estrutura muito próxima da encontrada pelo autor do *BQ-Sh*, sendo constituído pelos itens 31, 21, 22, 19, 34, 37, 6 e 32. As alterações verificadas neste factor foram a eliminação de três itens, devido às baixas communalidades e a transição do item 15 para o factor “infantilidade”. Este factor não sofreu grandes alterações, sendo constituído pelos itens 15, 10, 6, 13, 18 e 17. Dadas as alterações introduzidas na estrutura factorial, verificámos que os factores descritos por Rawlings (2002) “necessidade de ordem” e “competência percebida” se aproximavam mais do original descrito por Hartmann (1991). Por essa razão, numa aproximação ao primeiro autor, foram renomeados “opiniões sobre pessoas e ambientes” e “preferência por organização e perfeccionismo”. Estes foram os dois factores que maiores transformações sofreram na adaptação do instrumento, passando o primeiro a ser constituído pelos itens 35, 24, 25, 20, 3, 36, 38, e 23 e o segundo pelos itens 12, 2, 1, 40, 7, 11, 9, 14, 5, 30, 39 e 4. As alterações no que respeita ao factor “opiniões sobre pessoas e ambientes” foram a eliminação do item 97, devido à baixa communalidade, e a integração dos itens 3 e 36. No factor “preferência por organização e perfeccionismo” foram eliminados os itens 52 e 105, devido às baixas communalidades. A estrutura factorial final do *QL-R*, tal como apresentada no Quadro 1, é constituída pelos factores “preferência por organização e perfeccionismo” (F1) relativo à ordem e precisão em vários domínios

os, “experiências pouco usuais” (F2) relativo a experiências sensoriais ou cognitivas pouco usuais, frequentemente relacionadas com sono, sonho ou fantasia, “infantilidade” (F3) relacionado com o lado mais infantil da personalidade, “opiniões sobre pessoas e am-

bientes” (F4) relativo à disciplina e rigidez nas relações entre pessoas, “confiança” (F5) incluindo a tendência para ser mais ou menos defendido ou aberto nas relações interpessoais e “sensibilidade” (F6) expressando a fragilidade dos sentimentos.

Quadro 1 - Estrutura factorial do QL-R

Itens do QL-R	Componentes factoriais e respectivas saturações						
	F ₁	F ₂	F ₃	F ₄	F ₅	F ₆	h ²
12 Gosto de histórias bem definidas, com princípio, meio e fim.	.736	-.083	-.144	-.017	-.030	.213	.616
2 Numa organização todos devem ter um sítio definido e um papel específico.	.713	-.126	-.092	-.162	.077	.253	.629
1 Sou cuidadoso(a) acerca do que digo às pessoas, até as conhecer muito bem.	.707	-.074	.009	-.307	.136	.066	.622
40 Tenho uma clara e distinta noção do tempo.	.691	.101	-.029	.196	.025	.127	.543
7 Estar impecável e asseadamente vestido é muito importante	.690	-.108	-.095	-.104	-.029	-.032	.396
11 Sou bom(a) na gestão de contas e a controlar o que faço ao meu dinheiro.	.606	.017	.034	-.117	-.102	-.075	.398
9 Chego aos compromissos à hora marcada.	.585	.080	-.041	-.120	-.076	-.305	.463
14 Há um lugar para tudo e tudo deve estar no seu lugar.	.555	.028	-.195	.216	.229	.262	.514
5 Mantendo a minha secretária e mesa de trabalho arrumada e bem organizada.	.553	.036	.113	.044	.157	-.223	.396
30 Sou uma pessoa realista, com os “péis bem assentes na terra”.	.455	.061	-.100	.061	.186	.330	.368
39 Gosto de casas onde as divisões estão claramente separadas e onde cada divisão tem uma função específica.	.450	-.045	-.201	.381	.079	.106	.407
4 Acho que seria um bom psicólogo.	-.434	.127	-.088	.155	.076	.156	.266
31 Quando sonho acordado uma pessoa pode transformar-se noutra.	-.065	.736	.003	-.033	.080	-.008	.554
21 Quando sonho acordado, as pessoas parecem fundir-se umas nas outras.	-.097	.731	-.111	-.022	.066	-.068	.566
22 Às vezes o meu corpo parece mudar de tamanho e forma.	-.079	.693	.010	-.091	.008	.048	.497
19 As coisas à minha volta parecem mudar de tamanho e forma.	-.071	.666	.143	.128	-.125	.112	.514
34 Os meus sonhos são tão vívidos que tenho dificuldade em saber se são ou não reais.	.044	.616	.004	-.040	.103	.089	.402
37 Já tive a experiência de não saber se estava a imaginar alguma coisa ou se estava mesmo a acontecer.	.036	.613	.160	-.093	-.066	-.064	.419
26 Nos meus sonhos, as pessoas fundem-se umas nas outras.	.034	.556	.041	.039	.126	-.145	.350
32 Tenho pesadelos acordado.	.055	.554	-.081	-.052	.046	.394	.476

17	Acho que um bom professor tem de ser um pouco criança.	.032	.226	.720	.183	.081	.100	.620
18	Um bom pai tem de ser um pouco criança.	-.161	.096	.671	.189	.098	-.007	.530
13	Penso que um artista tem que ser um pouco criança.	.082	-.051	.656	.015	.143	-.265	.530
6	Um bom professor deve tratar todas as crianças como especiais.	.027	-.090	.589	-.264	.041	.109	.439
10	As crianças e os adultos têm muito em comum. Deviam ter mais oportunidades de estar juntas sem papéis rígidos.	-.112	-.037	.568	-.012	.042	.069	.343
15	Quando que me acontece algo assustador, tenho pesadelos, fantasias ou recordações que envolvem o acontecimento assustador.	-.183	.256	.370	-.005	-.038	.219	.285
35	Um homem é um homem e uma mulher é uma mulher; é muito importante manter essa distinção.	.150	-.006	.175	.675	-.146	-.072	.535
24	Penso que as crianças precisam de disciplina severa.	-.267	-.027	.040	.671	.075	-.119	.543
25	Para mim, as coisas ou são pretas ou são brancas. Não há tons de cinzento.	-.292	-.113	-.047	.624	.006	.101	.500
20	Não me consigo imaginar a viver ou a casar com uma pessoa de outra raça.	-.261	-.036	.112	.583	.108	-.131	.451
3	Espero que as pessoas mantenham uma certa distância.	-.204	-.243	.021	.480	.197	-.184	.405
36	Sei exactamente quais as partes da cidade que são seguras e quais as que não o são.	.349	.183	-.028	.467	-.185	.087	.416
38	Gosto de fronteiras nítidas e precisas.	.311	.103	-.270	.442	.162	.416	.574
23	Uma boa e sólida moldura é muito importante para uma fotografia ou um quadro.	.098	-.040	-.267	.437	.138	.128	.309
27	Confio facilmente nas pessoas.	.068	.044	.223	.013	.789	.012	.679
28	Sou uma pessoa muito aberta.	-.066	.087	.146	.079	.633	-.011	.440
33	Quando conheço alguém confio nele ou nela tão completamente que partilho praticamente tudo sobre mim no primeiro encontro.	.067	.390	.069	-.056	.585	.008	.507
29	Estou sempre um pouco "de pé atrás."	.207	-.174	-.268	.152	.461	.161	.407
16	Sou uma pessoa muito sensível.	.006	-.019	.403	-.104	.037	.590	.524
8	Fico facilmente magoado (a).	.046	.042	.484	-.200	-.044	.548	.580
	Percentagem da variância	13.71	10.51	8.26	7.13	4.25	3.95	

F1: preferência por organização e perfeccionismo; F2: experiências pouco usuais; F3: infantilidade; F4: opiniões sobre pessoas e ambientes; F5: confiança; F6: sensibilidade

Todos os factores se correlacionam de forma positiva e estatisticamente significativa com a pontuação total do *QL-R*. As correlações encontradas variam entre .305 para o factor “sensibilidade” e .591 para o factor “preferência por organização e perfeccionismo”.

Todos os itens se correlacionam com o valor total do factor a que pertencem. Estas correlações variam entre .434 (item 36 -

F4) e .893 (item 8 - F6). A única excepção é o item 4, que apesar de mostrar uma correlação estatisticamente significativa com o valor total de F1 ($p=.009$), apresenta um valor reduzido (-.167).

Os valores elevados implicam limites mais indiferenciados. Contudo, nos casos de F1, F4 e dos itens 4 e 29 a cotação deve ser invertida, antes de se proceder ao cálculo dos totais.

Tanto no *BQ-Sh* (Rawlings, 2002) como no *BQ* original (Hartmann, 1991), a subescala “confiança” não é incluída na cotação da pontuação total do questionário. Tal deve-se ao facto desta incluir itens que não se relacionam, ou que se relacionam negativamente com este valor (Rawlings, 2002). No entanto, na amostra portuguesa esta subescala apresenta uma boa correlação com a pontuação total do questionário (.497), razão pela qual é incluída no cálculo da pontuação total do questionário.

A consistência interna (*alpha de Cronbach*) do *Boundary Questionnaire* apresentada por Harrison e colaboradores (2006), é de .93. Rawlings (2002) encontrou para o *BQ-Sh* um *alpha* de .74 e para os factores valores entre .65 (F1) e .80 (F2). A versão portuguesa do *BQ* apresenta um *alpha* total de .71. Por factores, F1 $\alpha = .79$; F2 $\alpha = .81$, F3 $\alpha = .71$, F4 $\alpha = .67$, F5 $\alpha = .58$ e F6 $\alpha = .69$.

Juntamente com o *QL-R* foram também aplicados a Escala de Alucinações Revista (EAR) e o Inventário de Interpretação de Vozes (IVI), analisando-se as correlações entre as pontuações totais das três escalas. Para o *QL-R* e a *EAR* foi calculado o coeficiente de Pearson ($r = .215$; $p = .001$) e para o *QL-R* e o *IVI*, o coeficiente de Spearman, uma vez que a distribuição não satisfazia as assunções de normalidade da amostra (Field, 2005) ($r_s = .276$; $p = .000$). Todos mostraram uma correlação positiva e estatisticamente significativa, reforçando a hipótese de que pontuações elevadas no *QL-R* se relacionam com uma maior predisposição para experenciar fenómenos de natureza alucinatória.

A análise do coeficiente de correlação de Pearson evidencia, em relação à *EAR*, várias correlações estatisticamente significativas. Os itens do *QL-R* que mais se correlacionavam com os da *EAR* foram o

15, 19, 22, 26 e 37. O item 15 apresentou várias correlações estatisticamente significativas com os itens da *EAR*, desde .128 (item 12) até .302 (item 5). O item 19 correlaciona-se de forma estatisticamente significativa com quase todos os itens da *EAR*, com valores entre .134 (item 8) e .388 (item 17), apresentando muitas correlações superiores a .3. O item 22 mostrou correlacionar-se de forma estatisticamente significativa com praticamente todos os itens da *EAR*, o mesmo acontecendo com o item 26, este último apresentando um elevado número de correlações superiores a .3. O item 37 foi o que apresentou correlações mais elevadas, correlacionando-se com praticamente todos os itens da *EAR*, com várias correlações acima de .3, sendo a mais elevada (.514) com o item 28 da *EAR* (“Já me aconteceu ter de parar e tentar perceber se o que se estava a passar era um sonho”), o que reforça mais uma vez a validade de construto do *QL-R*.

Relativamente ao Inventário de interpretação de vozes (IVI), foi analisado o coeficiente de Spearman, pelas razões antes referidas. As correlações encontradas estão muito próximas das verificadas para a *EAR*, concentrando-se nos itens 15, 19, 22 e 37 do *QL-R* o maior número de correlações elevadas estatisticamente significativas, sobretudo nos dois últimos itens, que apresentaram o número mais elevado de correlações superiores a .3. As pontuações calculadas para o *QL-R* consistiram num *score* total e num *score* para cada um dos factores. Estes valores foram comparados em função de alguns dados sócio-demográficos, nomeadamente o sexo e o curso (Quadro 2). Procedeu-se à comparação das médias, recorrendo a estatísticas não paramétricas, uma vez que o pressuposto da normalidade se encontrava violado em todas as comparações.

Quadro 2 - Pontuações no QL-R e subescalas

		QL-R	F1	F2	F3	F4	F5	F6
Amostra total	Média	111.06	31.22	15.04	21.22	26.46	11.20	6.76
N = 247	DP	13.55	8.36	5.18	4.36	5.85	2.94	2.10
Sexo	Masculino	Média	107.56	29.14	15.15	20.50	26.52	11.14
	n = 77	DP	14.88	7.25	5.57	4.47	4.92	2.67
	Feminino	Média	112.65	32.16	14.99	21.54	26.44	11.22
	n = 170	DP	12.64	8.67	5.01	4.28	6.24	3.06
Curso	Nenhum	Média	111.11	27.75	16.56	22.10	26.70	11.15
	n = 20	DP	16.30	8.95	6.44	6.16	5.08	3.11
	Artes e Letras	Média	115.70	31.69	15.08	22.16	28.37	12.83
	n = 24	DP	12.47	5.46	3.89	5.01	3.65	3.13
	Economia / Gestão	Média	109.92	28.92	13.87	20.90	29.17	10.63
	n = 41	DP	11.39	6.11	5.05	4.63	5.45	3.11
	Enfermagem e Medicina	Média	110.01	28.87	15.48	21.41	27.03	11.25
	n = 31	DP	11.34	7.70	4.76	3.77	4.45	2.55
	Direito	Média	104.76	27.14	15.00	20.93	25.09	11.10
	n = 30	DP	14.30	8.08	5.29	3.85	5.76	3.53
Psicologia	Engenharias	Média	106.08	27.97	14.08	20.47	27.47	10.22
	n = 36	DP	11.54	5.83	5.55	4.37	4.56	2.24
	Média	116.23	38.38	15.64	21.26	23.79	11.53	7.15
	n = 65	DP	13.98	7.67	5.16	3.80	7.06	2.72

F1 - preferência por organização e perfeccionismo; F2 - experiências pouco usuais; F3 - infantilidade; F4 - opiniões sobre pessoas e ambientes; F5 - confiança; F6 - sensibilidade

De acordo com os estudos de Hartmann (1991, 1997, 2001) e Harrison e colaboradores (2006) as mulheres pontuam mais elevado no BQ do que os homens. Efectivamente, no nosso estudo as mulheres pontuaram de forma significativamente mais elevada do que homens, apresentando o teste Mann-Whitney o valor de $U = 5141.5$, $p=.007$. Foram também analisadas as diferenças relativas ao sexo na pontuação para cada factor, tendo sido encontradas diferenças estatisticamente significativas em F1 ($U=5369.0$, $p=.024$) e F6 ($U=4469.0$, $p=.000$), com o sexo feminino a pontuar mais elevado em ambos.

Ao contrário de Hartmann (1991, 1997, 2001) e Harrison e colaboradores (2006)

não encontrámos diferenças estatisticamente significativas ao nível da idade. Segundo estes autores, os indivíduos mais novos pontuariam mais elevado do que os mais velhos. Estes dados poderão ser explicados pelo facto de a nossa amostra ser muito assimétrica no que respeita à idade: apesar de a idade mínima encontrada ser 18 e a máxima 51, a média é de 22.83 e 92.3% dos sujeitos tem menos de 30 anos, o que mostra a irregularidade da distribuição. Segundo Hartmann (1991) o BQ não é uma medida directa de psicopatologia. A amostra em estudo, no entanto, é composta por um grupo de sujeitos toxicodependentes em recuperação ($n_1 = 22$), por um grupo de sujeitos com contactos com a saúde mental por problemas

pessoais ($n_2 = 43$) e por um grupo de sujeitos que não reporta qualquer problema desta natureza ($n_3=182$). Do cruzamento destes três grupos (teste de *Kruskal-Wallis*), não resultaram diferenças estatisticamente significativas. O mesmo aconteceu com a comparação, através do teste de *Mann-Whitney*, de n_3 com a agregação de n_1 e n_2 ($U= 5332.0$, $p=.238$).

Nos estudos de Hartmann (1991, 1997, 2001) e Harrison e colaboradores (2006) o BQ foi aplicado a diferentes grupos profissionais. Segundo estes autores, o tipo de limites é uma dimensão de personalidade que influencia a escolha da carreira profissional e em todos os estudos se verifica que os grupos que pontuam mais baixo, mais próximos dos limites diferenciados, são constituídos por profissões dominadas pela ordem, organização, disciplina e cumprimento de regras e horários. No extremo oposto encontravam-se as profissões mais flexíveis, que exigem maior abertura, com horários menos rígidos, mais criativas, etc. Encontram-se no primeiro grupo profissões como engenheiros, advogados e homens de negócios e no segundo grupo, artistas, professores e psicólogos.

Recorrendo à estatística não paramétrica, dado o pressuposto da normalidade se encontrar comprometido, verifica-se, com o teste de *Kruskal-Wallis*, que estes grupos diferem na pontuação obtida no QLR e que esta diferença se reveste de significância estatística [$H (6) = 21.33$, $p = .002$]. A natureza destas diferenças foi estudada com o teste de *Mann-Whitney*, aplicando-se a correção de *Bonferroni*. Os estudantes de artes e letras pontuam mais elevado ($M = 115.70$, $DP = 12.47$) do que os de direito ($M = 104.76$, $DP = 14.30$) e esta diferença não é devida ao acaso ($U = 210.5$, $p = .009$). O mesmo acontece em relação aos mesmos estudantes de artes e

letras, comparados com os de engenharia ($M = 116.08$, $DP = 11.54$), sendo que esta diferença também se reveste de significância estatística ($U = 228.0$, $p = .002$).

Dada a aplicação da correção de *Bonferroni* e consequente diminuição do nível de significância para .01, não foram encontradas diferenças ($U = 1017.0$, $p = .041$) entre os estudantes de economia / gestão ($M = 109.92$, $DP = 11.39$) e os de psicologia ($M = 116.23$, $DP = 11.38$). A diferença encontrada entre os estudantes de direito ($M = 104.76$, $DP = 14.30$) e os de psicologia alcançou significância estatística ($U = 576.0$; $p = .001$), o mesmo acontecendo entre os de engenharia ($M = 106.08$, $DP = 11.54$) e os de psicologia ($U = 686.5$, $p = .001$).

Estes resultados evidenciam que o tipo de limites está relacionado com a escolha vocacional: os alunos dos cursos de direito e engenharia pontuam mais baixo, isto é, têm limites mais diferenciados, do que os de artes, letras e psicologia, que têm limites mais indiferenciados. Estes resultados reforçam a validade preditiva da escala e a sua capacidade para distinguir os vários grupos.

Foram também analisadas as diferenças entre os vários cursos para cada um dos factores. Os testes de *Kruskal-Wallis* mostram não existir diferenças significativas, com excepção de F1 [$H (6) = 70.83$, $p = .000$] e F4 [$H (6) = 23.80$, $p = .001$]. Comparações *a posteriori* através de testes de *Mann-Whitney*, com correção de *Bonferroni*, situam estas diferenças, para o primeiro factor, entre o curso “psicologia” e todos os outros: artes e letras ($U = 364.0$, $p = .000$), economia e gestão ($U = 451.0$, $p = .000$), enfermagem e medicina ($U = 370.0$, $p = .000$), direito ($U = 270.5$, $p = .000$) e engenharia ($U = 337.5$, $p = .000$). O curso de psicologia foi o que

pontuou mais elevado neste factor ($M = 38.38$, $DP = 7.67$) e, uma vez que pontuações elevadas vão no sentido de limites indiferenciados, podemos depreender que estes alunos, comparativamente com os dos outros cursos, são os que evidenciam uma menor preferência por organização e perfeccionismo, encontrando-se no extremo oposto os alunos de direito ($M = 27.14$, $DP = 8.08$). F4 evidencia uma tendência inversa: o teste de *Mann-Whitney*, com correção de *Bonferroni*, evidencia diferenças entre as condições artes / letras e psicologia ($U = 477.0$, $p = .005$); economia / gestão e direito ($U = 360.0$, $p = .003$); economia / gestão e psicologia ($U = 759.0$, $p = .000$) e engenharia e psicologia ($U = 802.0$, $p = .009$). Não foram encontradas diferenças entre as condições enfermagem / medicina e psicologia ($U = 700.5$, $p = .016$). Neste factor os resultados tornam-se particularmente interessantes uma vez que os estudantes de psicologia, que pontuam mais elevado na pontuação global, têm o valor mais reduzido neste factor ($M = 23.79$, $DP = 7.06$), ou seja mais próximo dos limites diferenciados, evidenciando um certo fechamento e rigidez no que respeita às opiniões sobre pessoas e ambientes.

Conclusões

A AFCP da versão portuguesa do Questionário de Limites – versão reduzida (QL-R) com uma mostra de 247 sujeitos, evidenciou alguns problemas, nomeadamente ao nível dos valores M.S.A. e das comunidades. A eliminação de seis itens da versão original do *BQ-Sh*, proposta por Rawlings (2002), permitiu solucionar estes problemas, ficando a versão portuguesa reduzida a 40 itens. A AFCP (rotação varimax) com a versão assim reduzida

evidenciou uma solução de seis factores, capazes de explicar 47.8% da variância, próxima da obtida por Rawlings (2002). Da mesma forma a consistência interna do QL-R, para a escala completa, apresenta um *alpha de Cronbach* de .71, próximo do valor de .74 obtido pelo mesmo autor. O questionário demonstrou ter uma boa validade de construto, ao correlacionar-se positivamente com outros dois instrumentos destinados a avaliar fenómenos de natureza perceptiva e suas interpretações. Tal como nos estudos de Hartmann (1991), as mulheres pontuaram de forma estatisticamente significativa mais elevada do que os homens. Não foram encontradas diferenças relativamente à idade em nenhuma das subamostras estudadas.

A validade preditiva foi também confirmada pela capacidade de verificar a hipótese teórica de que os alunos de diferentes cursos pontuariam de forma também diversa, nomeadamente os de artes, letras e psicologia de forma estatisticamente significativa mais elevada do que os de direito, economia, gestão e engenharia.

Referências

bibliográficas

- Anzieu, D. (1997). *Le Moi-peau*, Paris: Dunod.
- Blatt, S. J., & Ritzler, B. A. (1974). Thought disorder and boundary disturbances in psychosis. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 42, 370-381.
- Brace, N.; Kemp, R.; Snelgar, R. (2003). *SPSS for psychologists: a guide to data analysis using SPSS for Windows (2nd ed.)*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Carvalho, M. T. (2003). As fronteiras do eu na psicose – o trabalho pioneiro de Paul Federn. *Psicologia em revista*, v.9, nº13, p. 43-58.

- Chopra, M. (2006). Delusional themes of penetration and loss of boundaries and their relation to early sexual trauma in psychotic disorder. *Clinical Social Work Journal*, vol.34, 4, 483-497.
- Ellenson, G. (1986). Disturbances of perception in adult female incest survivors. *Social casework*, 67, 149-159.
- Field, A. (2005). *Discovering Statistics using SPSS* (2nd ed.). London: Sage.
- Fisher, S. & Cleveland, S.E. (1968). Body image and personality (second revised ed.). New York: Dover Publications.
- Freud, S. (1978). Beyond the pleasure principle. In J. Straschey (Ed. & Trans.), *The complete psychological works of Sigmund Freud*. (Vol. XVIII). London : The Hogart Press (trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1978). The Ego and the Id. In J. Straschey (Ed. & Trans.), *The complete psychological works of Sigmund Freud*. (Vol. XIX). London: The Hogart Press (trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1978). Inhibitions, symptoms and anxiety. In J. Straschey (Ed. & Trans.), *The complete psychological works of Sigmund Freud*. (Vol. XX). London: The Hogart Press (trabalho original publicado em 1925).
- Harrison, R.; Hartmann, E.; Bevis, J. (2006). The Boundary Questionnaire: its preliminary reliability and validity. *Imagination, Cognition and personality*, vol. 25, 4, 355-382.
- Hartmann, E. (1991). *Boundaries in the mind: a new psychology of personality*. New York: Basic Books.
- Hartmann, E. (1997). The concept of boundaries in counselling and psychotherapy. *British Journal of Guidance & Counselling*, vol. 25, 2, 147-162.
- Hartmann E.; Harrison, R.; Zborowski, M. (2001). Boundaries in the mind: past research and future directions. *North American Journal of Psychology*, vol. 3, 3, 347-368.
- Hartmann, E.; Milofsky, E.; Vaillant, G.; Oldfield, M.; Falke, R.; Ducey, C. (1984). Vulnerability to schizophrenia: prediction of adult schizophrenia using childhood information. *Archives of general psychiatry*, 41, 1050-1056.
- Jung, C. (1921). *Psychological types*. Collected Works of C.G. Jung, (Vol. 6). London: Routledge & Kegan Paul.
- Launay, G.; Slade, P. (1981). The measurement of hallucinatory predisposition in male and female prisoners. *Pers Individ Dif*, 2, pp. 221-234.
- McCrae, R. (1994). Openness to experience: expanding the boundaries of Factor V. *European Journal of personality*, 8, 251-272.
- Moreira, P. (2007). A Dimensionalidade dos Fenómenos Alucinatórios e das Crenças Metafísicas associadas: tradução e adaptação da *Revised Hallucination Scale* e do *Interpretations of Voices Inventory*. *Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia Clínica Dinâmica e Sistémica*. Coimbra: F.P.C.E.-U.C.
- Morrison, A. P.; Wells, A.; Nothard, S. (2002). Cognitive and emotional predictors of predisposition to hallucinations in non-patients. *British Journal of Clinical Psychology*, 41, 259-270.
- Rawlings, D. (2002). An exploratory factor analysis of Hartmann's Boundary Questionnaire and an empirically-derived short version. *Imagination, cognition and personality*, vol. 21, 2, 131-144.

- Read, J.; Agar, K.; Argyle, N.; Aderhold, V. (2003). Sexual and physical abuse during childhood and adulthood as predictors of hallucinations, delusions and thought disorder. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 76, 1-22.
- Tabachnick, B.; Fidell, L. (2001). *Using multivariate statistics* (4th ed.). Boston: Allyn and Bacon.
- Zborowski, M.; Hartmann, E.; Newsom, M.; Banar, M. (2004). The Hartmann Boundary Questionnaire: two studies examining personality correlates and interpersonal behavior. *Imagination, Cognition and Personality*, vol. 23, 1, 45-62.